ANO II — Lisboa — Quarta-feira, 4 de Setembro, de 1918 — N.º 458

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João N. Santos

Telefone: C. 1035

Politica de profissão

III

Os «Soviets»

Aterraram-se os burgueses e indignou-se a imprensa pelos actos de banditismo nacionalista praticados na estação das Devezas pelos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses ou, mais propriamente, por individuos que dela se apoderaram, formando um «soviet», ferro-viario.

Não tem de indignar-se a imprensa burgesa, nem os pacificos cidadãos, valentemente tosados dentro dum comboio assaltado covardemente por autenticos bandidos exportados da Russia, teem razão para se admirarem de selvatica proeza.

Jornaes que protegeram sempre a propaganda dissolvente da anarquia profissional, que vivem pode dizer-se do caos social em que nos encontramos, que na mesma pagina se derretem em elogios ao honrado comerciante, ao activo industrial e ao empreendedor ou financeiro audacioso e se descompõem em insinuações e em protestos mais ou menos tiritantes contra o «gananciosos», o «ladrão», o «bebedor do sangue do povo», que é o «embarcador», não podem ter auctoridade moral para «reclamar energicas providencias, afim de que se não venham a tornar frequentes estes casos de indisciplina social». Nem a burguesia nem a sua imprensa poderão ter voz na resolução do grande problema que os acontecimentos vão precipitando para uma proxima e sangrenta solução.

Eu creio nas virtudes do nosso povo e no sacrificio generoso da nossa Raça, oferecendo o seu precioso sangue nos campos da França para resgatar um seculo de criminosa dissolvencia democratica. Mas não acredito nos protestos dos burgueses que no remanso das termas ou no apetitoso e tonificante descanço das praias se arripiaram de medo como se já sentissem sobre as gordas e abauladas costellas a impressão confundente e desagradavel dum nodoso marmeleiro. Ainda menos acredito na indignação postiça da sua imprensa. Quem diariamente incita o povo contra a auctoridade e ora indispõe as classes com os dirigentes do Estado ora acula o publico contra a propriedade, dão pode verberar os fructos da sua dissolvente propaganda: o resultado inevitavel e fatal do regimen de liberdade de trabalho.

Os pessimistas que tudo veem negro e que, como corvos sinistros, agoiram catastrofes e desgraças que nunca sucedem, anunciam já o regimen dos «soviets» e dispõem-se talvez a tirar dele o «maximo» do lucro possivel... Para muitos cifra-se nisto o maximalismo!

A imprensa burgueza

São os cronistas e os correspondentes mexeriqueiros que á falta de assunto ou de seriedade se entretem a tecer intrigas e a bordar comentarios á volta dos mais comesinhos acontecimentos.

Ha uns tempos a esta parte dedicam-se ao sport de inventar conspirações e de organisar ou engendrar as mais inverosimeis historias de «complots» e supostas conjuras em que se premedita a chacina de metade ou mais dos habitantes de Portugal. Bate-se porém o «record» da inconsciencia quando se fala da indisciplina em que liquida a democracia lusa. A imprensa portugueza tem dividido nestes ultimos anos a sociedade em irreductibilidades que nem a guerra conseguiu apagar, antes pelo contrario. Ultimamente essa imprensa tem pretendido dividir as classes dando o caracter politico a movimentos sociaes ou economicos, condenaveis sim, mas que nunca são feitos para servir directa ou indirectamente os politicos e os seus partidos. O caso das Devezas por ser brutal,—canibalesco se quizerem,—nem por isso deixa de ser um aviso da força espantosa de que as classes organisadas poderão dispôr ámanhã. Mal dirigidas por operarios de duvidosa profissão e de pessima reputação, mal aconselhadas por uma imprensa sem escrupulos, não podem ser outras as anarquicas manifestações dessa força. Até hoje só os partidos exibiam forças em manifestações ruidosas ou tumultuosas quando na oposição, em solenissimos congressos parlamentares quando na governação do Estado. Vão mudados os tempos. O partido politico organisado está a agonia e tende a desaparecer. Em seu logar surgem novas forças que por serem mais dispersas e mais indisciplinadas são mais perigosas ainda. A sua acção faz-se já sentir, embora inconscientemente.

Parece no entanto que a imprensa burgueza não compreende o momento historico que vamos atravessando. Ou se resigna a aceitar os factos consumados ou irrompe em furiosos protestos contra a indisciplina social que tem ateado com a sua pessima orientação. Não se pede aos burgueses que deitem as mãos á cabeça e se deixem afogar como os macacos. Apenas se lhes exige que não precipitem com a sua inconsciencia e com a sua provocação os acontecimentos que terão fatalmente de dar-se para que duma vez para sempre termine a incerteza e a desconfiança do viver presente. Se quizerem resgatar tem de penitenciar-se do pecado democratico. E que a sua imprensa aprenda a «sublimidade» da intolerancia no sectarismo revolucionario de Dufoua:

«Ai daqueles que na hora do ajuste de contas com os burguezes tiverem piedade dos vencidos!»

A indisciplina social

Um país onde cada individuo possue a «liberdade» depressa vem a cair na licença, na indisciplina e na anarquia. A intolerancia é a caracteristica de todos os regimens democraticos e é a unica garantia da sua estabilidade. Mas a intolerancia provoca a indisciplina. Ontem em Portugal, hoje na Russia, a intolerancia manifesta-se barbaramente, sangrentamente.

Não é necessario recordar as vitimas da intolerancia e as barbaridades praticadas nestes ultimos dez anos. Nunca os homens foram mais intolerantes do que depois que se julgaram livres. As classes mal organisadas vão-se tornando a pouco e pouco tão egoistas como a burguezia, tanto ou mais despoticas que a propria tirania democratica. Mercê da transigencia dos governantes, a classe ferro-viaria julga-se desobrigada de todos os deveres, costumada como está a só reivindicar direitos.

Depois da gréve por motivos economicos surgem imposições ao poder executivo. Porque alguns facinoras foram presos por um extranho caso de loucura coletiva (!) a classe a que pertencem impõe-se ao proprio poder judicial reclamando que os presos sejam imediatamente postos em liberdade. O egoismo burguês devia forçosamente conduzir ao requinte do egoismo.

As classes que principiam a organisar-se independentemente são egoistas e abusam da sua força porque a sua organisação é revolucionaria: usa da violencia para atingir um fim obscuro, indecisо.

A indisciplina social manifesta-se porem na população em geral, na politica, no proprio exercito.

O doutor Xavier Esteves teve ha poucos dias a sinceridade de confessar que os partidos em Portugal não são mais que clientelas esfaimadas. Devia acrescentar que a intolerancia e o interesse podem levar um país á beira do abismo.

Se ha quem queira vêr as coisas, repare bem para pequenos incidentes que nos revelam alguma coisa de desanimador: como aquelas brisas soturnas que prenunciam fortes trovoadas.

Hoje como ontem é ainda a falta de moralidade, de disciplina e de vergonha que preside a este desmanchar de feira. Desde que arrebataram ao povo o catecismo e lhe meteram nas mãos os «Direitos e deveres do Cidadão», não era de esperar outra coisa nem eu me admiro de que a indisciplina não tenha lavrado mais fundo ainda. A sociedade ha de convencer-se de que não é possivel subsistir sem ordem, sem disciplina, sem autoridade e que nada disto pode existir sem moral. O Evangelho é o compendio universal da moral cristã, o fóco esplendoroso da Verdade Eterna. A sociedade nascida da revolução ha de expiar sangrentamente o pecado original; ha de amargar todo o seu fruto que é o seu proprio crime: a anarquia!

Os "bolchevicks"... nacionaes

Anunciar o perigo e encarar uma calamidade eminente com sangue-frio e confiança não póde ser taxado de pessimismo, nem considerado como desalento. Pessimistas são aqueles que levantam boatos sinistros, alvoroçam os espiritos fracos com a revelação quotidiana das mais extraordinarias patranhas revolucionarias. Pessimistas são os que exageram um incidente embora ruidoso e barbaro e dedicam meia duzia de linhas a verdadeiros atentados contra a moral publica e a disciplina social. São mais que pessimistas: são cumplices no grande crime que a democracia vem cometendo contra a Patria.

Alarmou-se, indignou-se, aterrou-se a imprensa burgueza quando por todo o país correu veloz um calafrio de medo a noticia do assalto dos fero-viarios a um comboio em marcha e da agressão feroz dos passageiros que nele transitavam.

Essa imprensa ou se cala miseravelmente ou aplaude verdadeiras infamias em que a moral é posta de parte como trapo inutil. Não é ser pessimista vergastar uma sociedade que susta essa imprensa que degenda a sua profissão e corrompe mais ainda a corrupta multidão burgueza que a lê. Não é desanimo, nem desalento. Nós temos o dever de impôr a moralidade pela violencia e pela força como impomos a nossa doutrina, atacando o mal nas suas mais remotas origens. Este caso de a Camara Municipal de Lisboa aprovar a constituição de um fundo do qual beneficiem as «companheiras» dos seus empregados é a transigencia dos governantes perante a imoralidade crescente, é a legalisação da mancebia, é a digna prostituição duma sociedade e dum regimen que dela nasceram. Aquela perinha satanica de Afonso Costa devia tremelicar de goso ao vêr como em toda a sua obra nefasta e dissolvente jamais se abalançara a tão repugnante imoralidade.

E de cada vez se sentirá com mais vontade de repetir aquele seu discurso em previa o fim da nacionalidade numa sanguinolenta balburdia que já nesse tempo fazia pensar a sério no castigo da Russia esfacelada e perdida.

Mais do que esses casos isolados de sovietismo em que alguns «bolchevicks»... nacionaes se teem salientado selvaticamente, certa imprensa democratica vem precipitando acontecimentos que a fatalidade quasi póde considerar já como inevitaveis.

«Só as forças secretas que constituiram uma velha e gloriosa nacionalidade como a nossa, poderão triunfantemente responder-lhe se de todo se não embotaram».

O futuro pertence-nos e provará que essas forças surgem para a luta após um seculo de dissolvencia e de desnacionalisação.

Luta de classes

Durante muitos anos a democracia manteve as classes desorganizadas, não permitindo aos trabalhadores a reunião e a associação profissional, onde unicamente tratassem dos seus interesses. Viveu assim escravisado o povo soberano durante tanto tempo que, tendo passado algumas gerações sobre a queda do regimen corporativo, já ninguem se lembrava dos antigos gremios profissionais ou Corporações de Artes e Oficios. Quando em meados do seculo passado o socialismo romantico principiou a desenvolver-se e a internacionalisar-se, os seus apostolos prégaram a luta de classes e tomaram a «gréve» como a melhor arma de combate.

Um grande sociologo espanhol declarou, e muito bem, que, o grande erro do operariado foi adoptar a escola socialista e deixar-se influenciar pelas teorias anarquicas e imorais de Karl-Marx. Outra seria a situação actual do proletariado na sociedade se não enfeudasse a sua sorte á sorte dum partido de ideologistas romanticos e destruidores e fizesse das suas justas reivindicações uma alma politica que só poderia trazer prejuizos á colectividade. Desmoralisado o povo por tantos anos de lutas politicas e movimentos revolucionarios em nome duma «liberdade, igualdade e fraternidade», que nunca chegaram a vêr, não é de admirar que o socialismo fizesse caminho em alguns países.

Em Portugal socialismo e republicanismo confundiram-se sempre na mesma propaganda politica.

Tão inconscientes eram uns como outros ao unirem-se na mesma guerra ao trono e ao altar. Nunca os socialistas fizeram obra economica e profissional. Partido politico como qualquer outro ele tomava parte na mistificação eleitoral; as bandeiras das suas associações encorporavam-se nos cortejos anti-clericais; os seus oradores de taverna iam prégar aos comicios a guerra ao regimen monarquico. A proclamação da republica—diziam—será a primeira étepe da revolução social.

Nunca o socialismo constituiu um perigo. Partido burguês como era só pela mão do democratismo conseguia fazer-se representar no Parlamento. Com a decadencia do socialismo democratico surgiu, porem, uma nova organização antidemocratica e anti-social: o sindicalismo revolucionario. A sua acção é francamente subversiva; os meios de que serve são violentos. Aparte a falta de moral e a ausencia absoluta da disciplina e da hierarquia que o Integralismo impõe, têm os sindicalistas revolucionarios uma concepção exacta da reorganização social. A intolerancia que manifestam e odio com que vão cimentando a sua obra tolhem o triunfo das suas doutrinas. A expropriação da propriedade, a rezoira igualitaria e aviltante, a dissolução completa de familia, etc. são obstaculos impossiveis de vencer porquanto seria atentar contra a propria natureza. A luta de classes em que se empenham os propagandistas da revolução social está actualmente a declinar na Russia onde não tardará a contra-revolução redentora a recompor os homens e as instituições no seu verdadeiro logar.

Em Portugal a contra-revolução defrontar-se-á nas ruas com a revolução social.

Sindicalismo e Integralismo

Afirmei sempre que era impossivel harmonisar o sindicalismo dos «bolchewickes» com o sindicalismo do Integralismo Luzitano. Os sindicalistas revolucionarios negam os direitos de Deus, renegam a Patria e prescindem da autoridade, do Exercito, da diferenciação social sem a qual não ha progresso material nem é possivel a harmonia entre os homens. O Integralismo Lusitano considera a Religião como uma necessidade social e universal da qual nenhum povo pode prescindir se quizer manter a sua unidade e a sua independencia; defende a Patria que é por assim dizer a sua aspiração «em pról do comum»; garante a propriedade, a familia, a autoridade e o exercito encarregado da defeza da grei; a sua organisação corporativa ou sindicalista não só respeita a gerarquia profissional como tambem estimula as competencias pela selecção e pela justa diferenciação.

O Sindicalismo anarquico, como todos os regimens amoraes, nunca poderá prevalecer. Vel-o-emos em breve declinar tambem como naufragou em França nas bolsas que justiçaram Jeurès, como se eclipsou na Alemanha, acolhendo-se prudentemente á sombra do manto imperial cheio de prestigio, como se está afogando em sangue e em lama na Russia enorme expiando e sofrendo, chorando a sua desgraça e resgatando com sangue os seus crimes colectivos e a sua cegueira. Hoje, que em Portugal se sente um admiravel desfertar de energias e que a causa da Contra-Revolução aumenta dia a dia o numero dos seus soldados conscientes, podemos encarar confiadamente o futuro.

A democracia provocando com o seu egoismo o ressurgimento do espirito de classe, não pode aproveitar esse espirito de solidariedade operaria em seu proveito porque embora inconscientemente, é contra a democracia que o espirito de classe se levanta. Na impossibilidade de derrubar já a democracia o regimen corporativo não pode aproveitar-se tambem das organisações já existentes e que bem poderiam prestar excelentes serviços.

E' essa impossibilidade que ha-de trazer ainda dias mais negros ao nosso país. Mas do cáos em que tudo se subverter, diz-nos a nossa fé nacionalista que uma Patria Nova surgirá. Os maus operarios e os pescadores de aguas turvas do socialismo não aprenderam na dolorosa experiencia de quantro anos de guerra que o patriotismo é um sentimento sublime e e não uma invenção burgueza destinada unicamente a preverter a humanidade. Por isso o seu despertar será horroroso, quando, instigando á revolta as populações anarquisadas da cidade, virem como o povo português resgata as suas faltas colectivas saindo do marasmo em que se encontra ha tantos anos e afogando á nascença o monstro da revolução social. O povo está cançado de aberrações politicas, de aleijões sociaes. No dia em que uma nova revolução vier perturbal-o, ele regressará á terra, á tradição, a si proprio, emfim!

Harmonia corporativa

Na agonia formidavel, tragica dum povo, nós temos de ir buscar os grandes ensinamentos que escaparam á observação pricologica de Gustavo Le Bon. Que grande ficção nos estão dando esses agitadores pondo em pratica as suas teorias incompreensiveis em meio da confusão, do sangue, da rapina, do incendio! Ai daqueles que se deixaram vencer! A tragedia cuorme que ensanguenta a Russia é quasi desconhecida ainda nos seus pormenores sinistros.

Mas ao clarão imenso daquela fogueira monstruosa ilumina-se de mais fulgurante brilho o nosso movimento de reconstrução social.

Nós não poderiamos ambicionar mais grandioso exito do que o que nos trouxe a «Salada Russa». Falida, desacreditada a democracia muito antes da grande guerra, ainda muitos romanticos julgavam esperar dos chamados sindicalistas revolucionarios alguma nova aurora atraz da cuja miragem sangrenta teem andado os idealistas e os criminosos desde o seculo dezoito.

A doutrina reconstructiva do Integralismo Lusitano, porque é racional e pratica, despreza as ideologias dos colectivistas radicaes e condena o individualismo burguez das democracias. Ainda hoje existem pessoas bem intencionadas que aplaudem a luta de classes. E' que a confusão é de tal ordem que até se tem invertido o significado de algumas palavras. Actualmente dá-se a denominação de classe ao operariado em geral e ao patronato em geral. Diz-se: classe operaria. Diz-se: classe burgueza. E' um erro fazer de futuro esta diferenciação. Na Monarquia Nova os operarios e os patrões, os aprendizes e os mestres de cada profissão pertencem á sua classe. Assim: classe comercial, classe dos ourives, classe medica,—compõe-se de todos os individuos que em qualquer gerarquia exerçam essa profissão. A organisação das classes tem de fazer-se dentro das solidas bases do regimen corporativo. Cada profissão é uma corporação e são as corporações que zelam os seus interesses quando investidas da necessaria auctoridade. São os organismos do futuro. A sindicalisação das grandes industrias e a socialisação dos extensos baldios serão a obra monumental desses grandes orgãos sindicaes. A harmonia corporativa estabelecendo a justiça na repartição das riquezas, e a ordem, a moral e a disciplina no trabalho, termina com a distinção humilhante entre o burguez e o operario. Todos os que trabalharem no mesmo mistér pertencerão á mesma classe. O dinheiro não será jámais a barreira que separa o patrão do proletario.

Será unicamente pela selecção das competencias que a gerarquia profissional será mantida. Acabando os intrusos todo o proletario póde ascender na escala corporativa: trabalhando e aperfeiçoando-se.

Frente a frente!...

Frente a frente se ha-de encontrar um dia o sentimento colectivo duma raça que quere viver independente e forte com os elementos deleterios do anarquismo taimoso e odiento que condena a sociedade sem ajuizar nem procurar remediar os seus grandes defeitos. Frente a frente temos de o encarar um dia quando a democracia, num ultimo arranco da sua fonta agonia, quizer atirar-nos para o abismo tenebroso da revolução social. Deve Deus considerar-nos expiados os nossos pecados colectivos: o crime duma raça que se deixou embalar pelo canto fascinador e preverso da sereia democratica. Mas se dias negros teem de vir em que a Patria sangre de dôr e de vergonha pelas lutas fratricidas dos seus filhos, eles que venham e depresso, para que o anjo da paz desça sobre nós e para que resgatada com o sangue generoso desta geração expiatoria, a Grei se alente e se fortaleça no amôr da terra e da tradição e progrida no trabalho honrado que é o brazão dos povos fortes como o nosso, que deixa um rasto luminoso na historia da Civilisação. Mercê de Deus, não nos encontrará desprevenido o furação que ameaçar a nacionalidade. Quer ele seja francamente destruidor da sociedade como o anarquismo, ou venha precedido de um novo terror jacobino sedente de sangue e ancioso de vinganças como o chtorze de maio, a victoria final não pertencerá á democracia agonisante nem ao anarquismo, ora em convulsões tragicas na Russia onde stingiu o apogeo da sua gloria e do seu triunfo.

«Aquele que melhor souber organisar-se depois da guerra terá sobre os outros povos as mesmas vantagens que antes e durante a guerra mantiveram os paizes bem organisados.»

O regimen corporativo ou sindicalista que o Integralismo defende é um regimen de organisação social, perfeito quanto o podem ser as instituições humanas. Nenhum partido politico em Portugal póde, como o Integralismo, opôr um prrograma de reconstrucção moral e social ás teorias imoraes e subversivas dos maximalistas inconscientes e fanaticos. Porque não é um partido burguez o Integralismo confia e espera. E' que só ele tem auctoridade para atacar o sovietismo e a democracia frente a frente!

Cesar A. d'Oliveira

A aria da traição

Com a sua mentalidade primitiva, os republicanos fazem da Monarquia a idéa dum partido. Porque consideram apenas o individuo em si, não podem perceber, por defeito original, que não ha reis traidores, visto que a traição politica dum monarca importava a perda da sua situação. O que ha, são traidores aos Reis e esses no fim de contas, não passam de traidores á sua patria.

Teem os republicanos uma larga folha corrida a esse respeito. Não iremos lá longe, ás horas tristes da invasão-francêsa. Republica em Portugal sempre significou União-Iberica. O jantar de Badajoz não se apagou ainda da nossa memoria. E bem viva se mantem nela a embaixada dos senhores Magalhães Lima e José Relvas a Inglaterra ás vesperas do 5 de outubro. Depois disto, o convento maçonico, realisado em Paris o ano findo, prometeu aos seus irmãos da Peninsula que, a vencer em Espanha o movimento revolucionario, que rebentou depois em agosto, seria proclamada a republica da Iberia, debaixo da forma federal. O que é a bandeira verde-e-vermelha senão a bandeira da Iberia?

Como vêem, a traição vem de largo e rematou-a o senhor Bernardino Machado, com o seu protesto junto de Lloyd George. E' preciso, na verdade, o maior dos impudores para que os Judas se ergam em juizes de consciencia limpa e mãos lavadas!

Em face do documento publicado, nós sabemos que louvar e aplaudir o senhor conselheiro José de Azevedo Castelo-Branco. Não ha uma «internacional» revolucionaria? Porque não ha-de então haver uma internacional dos Reis e dos Povos contra o cosmopolitismo maconico? Foi o terreno em que a Santa Aliança se firmou, por conselho de Bergasse ao imperador Alexandre. Se a Inglaterra não tivesse depois contrariado o desenvolvimento desse politico, talvez que hoje o equilibrio europeu fosse outro e não nos esmagasse o flagelo da guerra! Renovando os principios da Santa Aliança, o senhor conselheiro José de Azevedo Castelo-Branco defendia a ordem social.

Sete anos de demagogia farta encarregam-se de o justificar plenamente.

Não era a intervenção estrangeira, como se pretende. Estrangeiros eram os que maquinavam contra a integridade da Patria, consubstanciada na integridade da sua dinastia. A onda anarquica crescia. Dessem-se mãos os conservadores e levantassem contra ela uma muralha intransponivel. Assim terá de ser no futuro. A ordem social carece de elementos de segurança e expansão internacional. A Santa-Aliança amanhã será um facto, a não ser que votemos á morte tantos seculos de gloriosa civilisação.

E com o exemplo da Russia ainda ha quem fale de traição dos Reis! Na insensatez da perdição, as acusações choveram sobre o pobre Czar. Olhemos no que em pouco mais dum ano ali se tem desenrolado, que nada mais é necessario para concluirmos,—e concluirmos sem dificuldade.

A traição dos Reis! Mas que razão fulminante na boca de patriotas como os republicanos!

Francisco Beliz

Por morte de sua avó materna encontra-se de luto este nosso prezado amigo. Os nossos sentidos pezames, com o melhor dos nossos abraços.

«A Situação»

Assumiu a direção de *A Situação* o senhor Joaquim Madureira.

Cumprimentamo-lo.

Nota politica

Não se esgotou ainda para alguns jornaes como assunto do dia este caso da «protecção» do senhor Sidonio Paes aos monarquicos.

Foi o caso que o sr. Camacho do Cabriz disse que nós protegiamos o sidonismo, ou, melhor, que o senhor Sidonio Paes estava sob a nossa proteção. A isto respondeu depois a «Situação» afirmando que não, que não era assim, mas que se dava perfeitamente o contrario: nós, monarquicos, é que estavamos sob a proteção (!) do governo republicano do senhor Sidonio Paes...

Certamente, os monarquicos insurgiram-se contra a afirmativa do orgão republicano da manhã. Não podia ester sobre a proteção dum governo republicano uma força poderosa como a monarquica,—tão poderosa que teve força bastante para garantir a victoria eleitoral ao presidente da republica, tão poderosa que incarna em si a solução integral do problema portuguez, em qualquer modalidade que ele se apresente.

Respondendo nos jornaes monarquicos, a «Situação» limou depois as arestas da sua afirmativa, explicando que não era bem o termo *proteção* que traduzia exactamente a situação em que nos encontravamos perante o senhor Sidonio; o termo mais proprio para empregar seria *colaboração*, ou *cooperação*,—o que, em boa verdade, não chega a alcançar os dominios da mentira.

Nem os republicanos do senhor Sidonio Paes, nem os monarquicos estão na dependencia uns dos outros. São duas forças absolutamente distinctas, cada uma delas com as suas caracteristicas proprias que não é possivel confundirem-se.

Trabalhando as duas do comum acordo algumas vezes, não é isso razão para se apregoar que os monarquicos vivem sob a proteção da republica. Parece-nos que que a republica (e oh que republica...) já existia em Portugal antes de 5 de Dezembro de 1917,—e no entanto os monarquicos viveram sempre, conseguiram manter-se sempre, embora no meio das maiores violencias e agravos.....

Quem lhes dava força, quem os protegia? Simplesmente a força da sua organisação, a virtude do principio que defendem e que em si encarna o interesse da Patria.

E' essa mesma força, é essa mesma virtude, que ainda hoje garante aos monarquicos a sua independencia perante a republica nova. De fórma alguma, mesmo, os monarquicos se poderiam conservar sobre a proteção de qualquer governo republicano: isso equivaleria a uma manifestação de fraqueza, a uma capitulação.

Ora, eu já aqui acentuei numa «Nota Politica» que os monarquicos nem mesmo dão um apoio leal e desinteressado (conforme o entendem os republicanos) ao governo da republica nova,—quanto mais estarem a ela subjugados.

O anelo que os monarquicos davam á republica nova tinha razão de existir emquanto ela fazia politica *nacional*, tendo em vista o interesse *nacional*, e de fórma alguma se poderá manter numa epoca em que o sidonismo faz politica partidaria, retintamente partidaria, e procura apenas satisfazer os seus interesses satisfazendo os interesses da republica e desprezando o interesse nacional.

Nestas condições é que nós poderiamos estar sob a proteção da republica? Nunca, porque isso equivaleria a uma abdicação, a um ingresso, e um monarquico nunca abdica, um monarquico nunca ingressa na republica,—porque quando chega á defeza da Monarquia é quando tem a plena convicção da sua superioridade sobre qualquer outro regimen.

Não. Definamos bem os campos.

Dum lado o sidonismo querendo engrandecer a republica; do outro os monarquicos querendo engrandecer a Monarquia. São duas forças absolutamente distintas, que dificilmente se confundirão. Dá-se o caso de, uma vez por engano, a republica fazer politica *nacional*? Muito bem: os monarquicos aplaudem, porque a sua politica tambem é exclusivamente nacional. Mas só nesse caso os monarquicos podem apoiar a republica nova, sem que isso implique uma abdicação de principios ou um ingresso, embora mascarado com a capa de *cooperação* ou *apoio leal* e *desinteressado* ou ainda *proteção*...

A. da C.

4 de Setembro

Cinco anos são passados sobre o casamento de Sua Magestade El Rei o Senhor D. Manuel e Sua Magestade a Rainha Senhora D. Augusta Victoria.

As circunstancias actuais fazem com que esse aniversario seja passado longe da Patria Portuguêsa, na incerteza cruel dum Destino desconhecido. Mas, a nossa alma de Portugueses tem Fé em que o proximo aniversario já será celebrado na nossa Terra, na Terra que foi berço de El-Rei e que Sua Esposa adoptou com devoção!

Falando claro

«A Situação», respondendo ao nosso «suelto» assim intitulado, pretende sacudir a água do capote dizendo que não se mete na questão e que se limitou a transcrever o que disse «A Ordem».

Perdão, não é bem assim! «A Situação» insinuou que a transcrição provava o germanofilismo do sr. conde de Vilas-Boas, a não ser que ele fosse germanofilo sem o saber, como o Jourdin (na «Situação» são Bourdin).

Não queira pois assacar-nos culpas que lhe pertencem!...

"Então porque fugiu?"

Toda a gente sabe que de passagem do senhor Botelho Moniz pelo parlamento apenas ficou uma frase. Essa frase, aproposito de D. João VI, devolvemo-la hoje ao simpatico alferes de artilharia, que desapareceu, que se sumiu, com a sua radiosa mocidade, sem que nos deixasse explicações sobre os motivos da sua partida.

Não queremos mal ao antigo director da *Situação* e a prova está nas referencias que por vezes aqui lhe foram dispensadas. Mas, na verdade, tanto ruido, para quê? Tornou-se um simbolo o senhor Botelho Moniz, — o simbolo daqueles que, por muito madrugarem, não amanhecem mais cedo. Já lhe chamaram para ir ao cerolito. Dentro de pouco, quando alguma estrela cadente cortar a transparencia da noite, dirão as meninas cheirentas, sciamando vagamente para os astros: — *Olhe, mamã! Lá vai o senhor Botelho Moniz!*»

E eis no que liquidou o fero ditador das Subsistencias. E' certo que Castor e Pobux deram o nome a uma constelação.

Mas os dois manos—herois ficaram,—não se sumiram. Por isso não resistimos á tentação ainda de preguntar:

«Então porque é que fugiu?»

Ler comentarios na 2.ª pagina